MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
10 de Setembro de 2017

I.

Independência da Catalunha poderá ser hoje declarada por Governo da região. Neste programa olhamos para os últimos acontecimentos em Espanha.

União Europeia lança pacote de 550 milhões de Euros para gerir melhor os oceanos.

E ainda nesta edição: emprego aumenta 1,5% na União Europeia no segundo trimestre do ano.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Carlos Puidgemonnd, presidente do Governo da Catalunha afirmou na semana passada que hoje, terça-feira, deverá fazer uma declaração de independência. O líder catalão disse que vai respeitar a lei, mas a lei aprovada no parlamento da Catalunha.
Entretanto o comissário europeu para os Assuntos Económicos, Pierre Moscovici, veio reiterar a posição da União Europeia sobre o referendo catalão. O ex-ministro francês disse que a região "nunca será membro da União Europeia" caso promova a divisão de Espanha e se torne num Estado independente.
E este fim-de-semana ficou marcado por manifestações pró e contra independência em toda a Espanha. Também um movimento madrileno a favor do diálogo chegou no Sábado à praça de S. Jorge, em Barcelona, como nos conta a Antena 1.

Peça Antena1
[Que se beijem. Este é um apelo quase desesperado que se lê num cartaz – um entre dezenas de outros – nesta concentração que serviu para apelar ao diálogo e à negociação. Sempre com palmas em fundo permanentes quase durante uma hora. A praça de S. Jorge em Barcelona, onde fica a Câmara Municipal, acabou por ser pequena para tanta gente. Eu estou aqui com César Lopes, ele tem uma t-shirt branca que diz: por favor, dialoguem.
- César, por que é importante o diálogo?
- Porque chegámos a uma situação em que a tensão é preocupante. Penso que o presidente da nação como o da Catalunha, pelo que eles representam, deviam encontrar um lugar em que comecem a dialogar. Um e outro têm de ceder, porque estamos a fazer um exercício de responsabilidade, pedimos que eles façam o mesmo.
Diálogo sem condições e sem desculpas lê-se num outro cartaz. Centenas de pessoas vieram até aqui vestidas de branco, tal como

estava na convocatória do movimento "Hablamos", que organizou esta concentração realizada hoje em dezenas de cidades por toda a Espanha]

Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, eu começava por esta série de movimentos em Espanha no fim-de-semana. Que balanço é que se pode fazer desta primeira semana pós-referendo. Estamos mais longe do diálogo?
É difícil dizer. Estamos certamente numa altura muito tensa e muito complicada na Catalunha. A verdade é que a manifestação de Domingo contra a independência e a favor da unidade espanhola foi uma manifestação que marcou a agenda, uma manifestação excepcional com cerca de um milhão de pessoas na rua e isso evidentemente alterou bastante a equação, no sentido de que a rua deixou de ser apenas ocupada pelas pessoas que são a favor da independência e passou também a ser o palco daqueles que são contra a independência. O que significa também que a Catalunha está profundamente dividida e este tipo de divisões podem levar a uma confrontação muito grande. Por isso, eu encararia esta semana com muita preocupação e, certamente, se há um apelo a fazer é um apelo ao diálogo.

Tudo está em aberto. Puidgemond poderá, por um lado, declarar a independência unilateral e Mariano Rajoy poderá accionar o artigo 155 e suspender a autonomia desta região. O comissário europeu Günther Oettinger fala inclusivamente do perigo de uma guerra civil. Tem fundamento esta declaração?
Eu penso que é um exagero falar em guerra civil, mas também é verdade que há grupos extremistas na Catalunha, nomeadamente grupos de inspiração anarquista que provavelmente se a situação se complicar bastante tentarão criar distúrbios muito graves nos locais públicos da Catalunha, mas daí a falar-se de uma confrontação tipo guerra civil é um pouco exagerado. Mas a verdade é que a Catalunha está neste momento numa situação muito perigosa, está numa situação que fractura bastante a sociedade catalã, aliás, esta a fracturar famílias, nós sabemos de casos em que um dos lados, por exemplo, o marido é a favor da independência e a mulher é contra a independência, e isto cria enormes problemas junto das famílias. Ou seja, nós temos aqui em Espanha, e nomeadamente na Catalunha, uma situação de uma gravidade absolutamente inédita na Europa nos últimos 60 ou 70 anos.

E ainda no que diz respeito à posição da União Europeia, que apelou ao diálogo, referiu também que a violência não pode ser um instrumento na política. Bruxelas disse inicialmente que estes são assuntos internos do país, mas poderá o bloco ser levado a intervir caso haja uma declaração unilateral de independência?

Creio que não, creio que a UE não tem vocação nem vontade para intervir nos negócios internos, nomeadamente de um país como a Espanha que é um país pilar da União Europeia. A verdade é que a União Europeia insiste no respeito pela legalidade constitucional de Espanha, também não vê favoravelmente uma alteração das fronteiras na Europa. É verdade também que a União Europeia sabe que as opiniões públicas dos estados-membros não aceitam a violência e, por isso, na sua declaração sobre a situação da Catalunha teve que falar das questões da violência. Por outro lado, também não nos podemos esquecer que Mariano Rajoy é da mesma família política que Jean-Claude Juncker, Donald Tusk, do presidente do Parlamento Europeu, ou seja, Mariano Rajoy pertence à grande família europeia do centro de direita e vai continuar a ter grandes apoios, quer junto da Comissão Europeia, quer junto das outras instituições. Mas também não é só por isso que Bruxelas apoia Mariano Rajoy, é também porque uma Espanha enfraquecida tornaria a União Europeia muito mais fraca, quer política quer economicamente.

III.

Na conferência global "Our Ocean", que se realizou na semana passada em Malta, foram anunciados 400 compromissos de conservação dos mares. Só a União Europeia vai investir 550 milhões de euros com políticas para gerir melhor os oceanos. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

Tornar os mares mais limpos e seguros. É esta a ambição da União Europeia, que organizou na semana passada em Malta a conferência "Our Ocean ".
"O nosso oceano", nome do evento em português, terminou com alianças entre governos, sector privado e organizações não govervamentais. Ao todo….400 compromissos de investimento no valor de mais de seis mil milhões de euros.
Malta foi palco de importantes anúncios. Vigo, na Galiza, que tem um dos principais portos do mundo, anunciou uma redução de emissões de 30 por cento até 2022, além da criação de um sistema de captação de CO2 por intermédio de algas marinhas.
A União Europeia apresentou um pacote de mais de 550 milhões de euros para um plano de conservação marítima. É um plano que está dividido em seis áreas: pesca sustentável, protecção marinha, alterações climáticas, economia azul, poluição marinha e segurança marítima.
São acções que, segundo um comunicado de Bruxelas, comprovam a determinação da União Europeia na conservação dos mares e enviam um sinal que poderá servir de estímulo para o resto do mundo.
Deste plano que contempla 36 compromissos marítimos, destaque para o combate à poluição. "Um problema massivo", diz a União Europeia, que refere que 10 milhões de toneladas de lixo acabam no mar todos os anos

e em 2050, "os oceanos poderão ter mais plástico do que peixe".
No que diz respeito à poluição, a União Europeia vai gastar ainda 2,85 milhões de euros com projectos de prevenção; 2,5 milhões com a organização de exercícios ligados à contaminação e mais de 250 milhões para financiar a investigação marítima.
Mais de 37 milhões de euros vão ser transferidos ainda para actividades de segurança marítima e no combate à pirataria ao longo da costa sudeste africana e no Oceano Índico.

Victor, em relação a esta conferência global, uma iniciativa da União Europeia, a poluição é uma das questões mais dramáticas. Como diz a peça da jornalista Sofia Jesus, estima-se que ao actual ritmo haja mais lixo do que peixes nos oceanos em 2050. Pode a UE liderar um movimento global de protecção dos oceanos?
A UE deve desempenhar um papel fundamental na protecção dos oceanos e na luta contra todas as actividades ilícitas em meio marítimo - e há muitas actividades ilícitas, desde a pesca até ao transporte de drogas, transporte de armas não autorizado, mas também a pirataria. Aliás, a questão da pirataria é hoje uma das grandes preocupações da União Europeia, no sentido de que a pirataria não é já apenas ao largo das costas da Somália e no Oceano Índico, é também mais perto de nós, no Golfo da Guiné, que é uma zona muito importante para o comércio da União Europeia e é nomeadamente uma zona de onde vem o petróleo que é produzido na Nigéria.
A verdade é que a poluição dos mares é um problema gigantesco. Os navios cargueiros são culpados de muito do que se polui nos oceanos, quer pelos combustíveis que utilizam, quer por lavarem os tanques no alto-mar, quer ainda pelo facto de transportarem águas marítimas de um ponto do globo para outro. E aqui note-se a título apenas de exemplo que na semana passada ou há duas semanas apareceram caranguejos azuis do Canadá ao largo de Vila Real de Santo António, em Portugal. Há aqui já também uma contribuição dos cargueiros para a alteração da ecologia marítima. Ou seja, nós temos uma série de problemas, não só de poluição, mas também de utilização abusiva dos recursos da pesca, de insegurança e aí, evidentemente, a União Europeia poderá desempenhar um papel fundamental, mas deve-o fazer em estreita ligação com as Nações Unidas.

E em relação a Portugal, que tem a terceira maior zona económica exclusiva da União Europeia. Poderá ser aproveitada esta zona de outra forma?
Portugal tem várias hipóteses, uma delas é certamente reformar a sua capacidade naval. Eu penso que quando se pensa nas Forças Armadas portuguesas se deveria, acima de tudo, pensar na marinha portuguesa, tendo em conta a extensão da costa marítima de Portugal e tendo em conta também os Açores e a Madeira. Ou seja, nós precisamos de uma marinha muito mais eficiente, uma marinha com muitas mais condições.

Neste momento, a nossa marinha é o parente pobre, digamos assim, da defesa portuguesa. Tem muito poucos recursos, tem meios muito limitados e, na realidade, pouco ou quase nada consegue patrulhar. Por isso, há esse investimento a fazer nessa área. Há também investimentos importantes a fazer no que diz respeito à conservação da costa portuguesa e também na questão, por exemplo, da produção em viveiros de peixes. Na realidade, o que nós temos estado a assistir é uma diminuição drástica da qualidade dos peixes que são produzidos em viveiros noutras partes do mundo. Ora, Portugal podia ser um exemplo de peixes criados em viveiro, mas de qualidade.

IV.

Na União Europeia: o emprego aumentou 1,5 % no segundo trimestre do ano. Segundo um comunicado da Comissão Europeia, na zona Euro, o crescimento foi de 1,6 %. Os números dizem também que em relação ao ano passado existem mais 3,5 milhões de pessoas empregadas nos países da União Europeia e 2,4 milhões na Zona Euro.
O número total de pessoas com emprego na UE ascende a 235,4 milhões. É o mais elevado de sempre, segundo o relatório trimestral sobre a evolução do emprego na Europa. O documento indica também que os valores registados se traduziram numa melhoria da situação financeira das famílias da União Europeia.

Victor, a Europa regista agora o maior número de sempre de pessoas com emprego e o desemprego atingiu o nível mais baixo em nove anos. Segundo o relatório da Comissão, os maiores beneficiados são os jovens. Que análise é que se pode fazer destes números?
A verdade é que no último ano tem havido crescimento económico na Europa, tem havido investimento e isso traduz-se por mais emprego. É verdade que ainda há países na Europa que têm níveis de desemprego muito elevados. A Grécia continua a ser um país que é dado como um exemplo de taxas de desemprego absolutamente inaceitáveis, mas para além da Grécia, a Espanha, a Itália, a Croácia, Chipre, a própria França continuam a ter taxas de desemprego muito elevadas e acima da média europeia. Mas na realidade no conjunto da União Europeia, a taxa de desemprego baixou bastante e nomeadamente nos países da Europa Central e da Europa do Norte e, em certa medida, também em Portugal. Há mais emprego e também há quem diga muito deste emprego tem um aspecto de precariedade muito elevado. Surgem mais empregos, mas muitos destes empregos são empregos que não têm a estabilidade que era usual no passado. Mas a verdade também é que surgiram outros tipos de emprego, nomeadamente nos serviços que oferecem mais garantias de permanência. Também é verdade que quando se fala no emprego na Europa dizer o seguinte: continua a haver imensas desigualdades entre os homens e as mulheres, ou seja, há desigualdades

ao nível salarial e também há desigualdades ao nível da participação da vida activa.

Desigualdades não só no género, mas de Estado para Estado. A questão dos direitos laborais é fracturante no espaço europeu?
Sim, os direitos laborais variam muito de país para país. Nalguns países, os direitos laborais estão fortemente consolidados e a lei não permite os despedimentos por dá cá aquela palha. Noutros países é muito mais fácil despedir. Mas além das desigualdades em termos, por exemplo, dos direitos laborais, há também uma questão muito importante que muito do emprego que se está a criar, incluindo na Alemanha, é emprego com salários baixos, numa altura em que o custo de vida na Europa é relativamente elevado. Ou seja, nós estamos a assistir a uma situação em que, por um lado, as pessoas encontram emprego e, por outro lado, continuam a viver numa situação que está apenas acima da linha da pobreza.

V.

Ao telefone Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa. E antes de terminar, uma nota cultural:
Depois de Bob Dylan, em 2016, este ano, o Nobel da Literatura foi atribuído a Kazuo Ishiguro, escritor britânico de origem japonesa.
É de acordo com a Academia Sueca um escritor com "romances de grande força emocional".
O autor, editado em português pela Gradiva, começou por publicar contos em revistas na década de 1980. É autor de "Os Despojos do Dia" que venceu o Booker Prize, em 1989, e foi adaptado ao cinema em 1993 por James Ivory, com Anthony Hopkins e Emma Thompson nos principais papéis.
Ishiguro escreveu ainda: "Inconsolados", "Nunca me abandones" e o "Gigante enterrado". Tem obra traduzida em mais de 28 países.
Para o escritor e antigo secretário de estado da cultura de Portugal, Francisco José Viegas, Ishiguro é um autor discreto e pouco produtivo.

Francisco José Viegas, escritor
[Eu penso que esta escolha é também ela uma escolha discreta e é uma escolha que evitou, como se costuma dizer, fazer escolhas difíceis, fazer escolhas entre os grandes autores, e esta opção por Kazuo Ishiguro, sendo que não é absolutamente irrelevante, é uma escolha pequena]

Declarações à Antena 1 de Francisco José Viegas sobre a atribuição do Prémio Nobel da Literatura de 2017. Nós ficamos por aqui, até para a semana!

VI.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +
Estamos no Facebook em Magazine Europa.